



## COSSON. Rildo. *Paradigmas do ensino de literatura*. São Paulo: Contexto, 2020.

Marcos Vinícius Scheffel

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

marcos.scheffel53@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6418-8327>

Os paradigmas de ensino de literatura na tradição escolar são variados e muitas vezes pouco claros para os professores que deles se valem. Em parte, essa falta de clareza se deve a um ensino que é a mera reprodução de práticas consagradas, que são replicadas durante gerações no contexto escolar sem se questionar a evidente relação entre os conteúdos ensinados e as metodologias de ensino, aprendizagem, avaliação e outros aspectos relevantes para quem se propõe a ser professor. Dar visibilidade e explicar de maneira pormenorizada essa miríade de paradigmas que circulam pela escola brasileira, quando se trata do ensino de literatura, é o objetivo do livro *Paradigmas do ensino da literatura*, de Rildo Cosson.

Avaliada à distância, parece uma missão quase impossível e que poucos empreenderiam. Os equívocos ao fornecer esse painel recairiam em ideias como: afirmar que determinado paradigma já não encontra mais acolhida – caso da historiografia literária, que é posta em xeque desde o final dos anos 1980 no meio acadêmico e desde meados dos anos 1990 nos documentos oficiais da área de Língua Portuguesa, mas que ainda é quase hegemônica no ensino médio; negar taxativamente determinado paradigma simplesmente por ser antigo; e, na direção contrária, aderir a outro paradigma apenas por sua novidade.

Nada disso acontece, graças à experiência de Rildo Cosson com a formação de leitores nos mais variados níveis de ensino e em programas de incentivo à leitura como o Programa Nacional da Biblioteca da Escola (PNBE). Além desse engajamento em programas de leitura, Cosson é autor de livros que encontraram uma acolhida positiva entre professores da educação básica, como *Letramento literário – teoria e prática* (Contexto, 2006) e *Círculos de leitura e letramento literário* (Contexto, 2014). É na condição de quem foi um dos primeiros a se

valer da expressão letramento literário – no período em que foi professor da UFMG, nos anos 1990 – que o autor defende esse paradigma, após analisar criteriosamente outros cinco, a saber: o paradigma moral-gramatical, o paradigma histórico-nacional, o paradigma analítico-textual, o paradigma social-interativo, o paradigma da formação do leitor e, por fim, o paradigma do letramento literário.

Em cada um dos capítulos, Rildo Cosson fornece um breve contexto da emergência de determinada concepção de ensino. Esse contexto não é fornecido de uma maneira repetitiva. O autor procura dar materialidade a eles com diferentes estratégias: citando um exemplo atual, como as polêmicas em torno da obra de Monteiro Lobato, no paradigma social-identitário; citando um filme que apresenta determinada forma de pensar o ensino da literatura – caso do filme *Sociedade dos Poetas Mortos*, que serve para introduzir o paradigma da formação do leitor. Tudo isso permite que o texto discuta questões relevantes no plano teórico, mas sem se afastar dos seus possíveis leitores: professores da educação básica e do ensino superior e alunos de Letras e Pedagogia que precisam pensar questões ligadas à leitura literária na escola.

Capítulo a capítulo são explicados: a concepção de ensino, a concepção da literatura, a concepção da aprendizagem, o papel do professor, o papel do aluno, o papel da escola, a avaliação e uma crítica às limitações do paradigma em questão. Mais uma vez esse percurso é feito de maneira a dar materialidade às discussões. Dessa forma, são recorrentes os exemplos de trabalhos desenvolvidos em escolas – trazendo para a cena professores que refletem sobre suas práticas, muitos deles ligados ao Mestrado Profissionalizante em Letras (ProfLetras), que tem polos em várias universidades brasileiras – e de programas de leitura espalhados pelo país, que resistem a toda sorte de ataques à formação de leitores. Aqui se deve assinalar a perspectiva crítica e democrática de Cosson, que denuncia várias abordagens limitadoras da leitura, como aquela que imputa exclusivamente à escola e aos professores a culpa pela “crise da leitura”, sem considerar o abismo social em que vivemos, no qual o livro é cada vez mais um artigo de luxo, sem considerar as dificuldades materiais encontradas pelos professores e se esquecendo da descontinuidade das políticas públicas de leitura, entre outros problemas.

O último paradigma apresentado é o do letramento literário, que é, por motivos óbvios, o mais defendido pelo autor. Para colocá-lo em prática, há uma série de estratégias envolvendo outros gêneros textuais no sentido de levar o aluno até a literatura. Algumas dessas atividades, por

seu caráter lúdico, têm gerado resultados muito positivos, por exemplo, montar com os alunos um quadro de investigação para um romance policial. Para Cosson:

O percurso metodológico do paradigma do letramento literário demanda um professor capaz de trabalhar com projetos, aprendizagem colaborativa e estratégias de ensino similares. Essas abordagens baseadas na interação e na ação são aquelas que melhor traduzem (e conduzem), em termos pedagógicos, os mecanismos de manuseio e compartilhamento das obras literárias na escola. (COSSON, 2020, p.190-191)

Trata-se de uma abordagem que exige do professor um extremo planejamento e a assunção do papel de “guia ou condutor da experiência literária” (COSSON, 2020, p.191). Cabe também, ao professor, construir uma comunidade de leitores dentro da sala de aula da qual ele mesmo faz parte. A interpretação do professor de uma obra literária não se dá como algo imposto, mas como uma leitura a ser negociada dentro da comunidade de leitores.

Por outro lado, a adoção sistematizada dessas práticas cria um aluno que precisa de um estímulo constante para ler – algo a ser desenvolvido pelo professor ao longo de sua jornada extenuante de trabalho – e de um professor que adere a um único modo de formar leitores.

Ainda sobre o letramento literário defendido pelo autor, parece faltar um ponto de vista mais divergente (externo a ele), que aponte as fragilidades de sua adoção para o ensino de literatura na escola. Entre os críticos desse paradigma, que preferem pensar em uma educação literária, o termo letramento é visto como muito ligado ao campo da linguística e tendo encontrado grande acolhida nos documentos oficiais de Língua Portuguesa, dando vazão à valorização de gêneros do discurso mais contemporâneos. No meio desta enxurrada de gêneros textuais que devem ser praticados pelos alunos na aula de Língua Portuguesa (leitura, escrita e análise), sobra pouco espaço para a literatura, como assinala João Wanderley Geraldi no artigo “A produção dos diferentes letramentos”, de 2014:

Não cabem à escola de ensino básico os diferentes letramentos, no sentido que estamos atribuindo a “diferente” neste item. Cabe reconhecer a multiplicidade e escolher alguns gêneros – e, portanto, algumas esferas de comunicação – como fundamentais. Entre estes, seguramente se encontram os campos da literatura

e das artes, pois o acesso a tais bens culturais, patrimônio da humanidade, deve ser privilegiado na escola. (GERALDI, 2014, p.7)

Parece-me mais produtivo pensar como esses paradigmas podem ser usados em favor do ensino da literatura, pois não há nada de problemático em usar o texto literário de diferentes formas, a depender da situação. É por este viés que o livro mostra-se fundamental, pois fornece possibilidades didáticas de exploração do texto literário na escola, que podem ser acionadas em diferentes contextos, constituindo-se em um repertório metodológico do professor para aproximar os jovens da literatura.

### **Referências**

GERALDI, João Wanderley. A produção dos diferentes letramentos. *Bakhtiniana: revista de estudos do discurso*, v. 9, n. 2, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/19443>. Acesso em: 8 jun. 2021.

Recebido em: 16 junho de 2021.

Aprovado em: 11 de agosto de 2021.